

A GÊNESE DE UM CONTO MACHADIANO: IMPLICAÇÕES... ¹

Ana Cláudia Suriani da SILVA

A dissertação de mestrado *A gênese de um conto machadiano: implicações...* é o primeiro trabalho acadêmico destinado ao estudo da obra de Machado de Assis realizado sob a perspectiva da crítica genética, linha teórica que visa, entre outros, o estudo do processo de criação literária a partir dos manuscritos conservados das diversas etapas de escrita que antecedem o texto publicado. A dissertação propõe uma edição crítica e genética do conto “Linha reta e linha curva” (*Contos fluminenses*, 1870), a partir do manuscrito da comédia *As forcas caudinas* [1863?], peça inédita em vida do escritor, e do folhetim do mesmo nome do conto, publicado no *Jornal das famílias* entre outubro de 1865 e janeiro de 1866. Por ser a peça de teatro um dos únicos autógrafos do autor que não se perdeu ou se deteriu com o passar dos anos, o dossier formado pela comédia, pelo folhetim e pelo conto nos fornece a possibilidade quase única de estudar a gênese de um texto machadiano. E uma vez que cada uma das três versões cotejadas na edição constituem textos de gêneros literários diferentes – comédia, folhetim e conto - a problemática da relação entre gênese e gênero, tão cara à crítica genética, encontra aqui um vasto terreno de discussão.

A gênese de um conto machadiano: implicações... é ao mesmo tempo edição crítica e genética. Isto porque enquanto edição crítica, a disposição das variantes traça a história do texto - do manuscrito ao conto -, apresenta suas diversas edições em vida do escritor e propõe seu restabelecimento a partir da primeira edição em livro do conto. Foram cotejados o texto do manuscrito de *As forcas caudinas - ms* - o folhetim, que é a primeira redação pública da narrativa - *B* -, o texto do conto tal qual publicado em cada uma das três edições de *Contos fluminenses* - *C* : 1870, *D* : março 1899, *E* : dezembro 1899. Enquanto edição genética, a apresentação das etapas e rasuras do manuscrito reconstrói as operações escriturais deixadas no papel, colocando ênfase naquelas que apreendem o escritor na árdua tarefa que ele mesmo se impôs de produzir um texto dramático. Para tal, estabelecemos a cronologia interna do manuscrito, além de havermos reconhecido a autoria de Machado de Assis, determinado a data aproximada de composição da peça e definido o estatuto do manuscrito a partir de suas características materiais e de documentos pertencentes ao Conservatório Dramático do

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 14 de abril de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Maria Chalmers.

Rio de Janeiro². São quatro as etapas que conseguimos decifrar entre as operações de escritura, sendo as três primeiras do punho de Machado de Assis :

- [A]: etapa do texto subjacente, ou seja, a do traço da tinta de fundo no qual encontramos fragmentos abandonados e emendas que continuam o fluxo da escrita ;

- A : etapa do texto concluído, que se completa sobre o texto subjacente, sem sofrer as reformulações que a releitura implica ;

- A' : etapa das operações que transformam a comédia, por exemplo, com substituições de sinonímia efetuadas ao sabor da pena no ato da releitura do manuscrito.

- A² : etapa que indica os acréscimos efetuados por um leitor desconhecido que confirma o texto, corrigindo inclusive enganos manifestos do escritor.

Não há nenhuma edição genética do manuscrito, e o texto da peça estabelecido por Raimundo Magalhães Jr., em *Contos sem data* (Civilização Brasileira, 1956), está longe de ser um trabalho editorial sério, uma vez que apresenta algumas falhas, como supressão de diálogos, de uma rubrica pouco legível no autógrafo, além de não haver notas que chamem atenção para alguns lapsos que o escritor cometeu, como a troca do nome das personagens. Temos ainda o texto de *As forcas caudinas*, estabelecido por Terezinha Marinho, em *Machado de Assis. Teatro completo* (MEC/SNT, 1982). Suas notas nos revelam o cuidado com que foi levado a cabo o trabalho de cotejo do manuscrito com a transcrição de Magalhães Júnior. Não era, no entanto, o interesse da autora incorporar as diversas versões da narrativa para o estabelecimento da comédia.

A edição crítica de “Linha reta e linha curva”, por sua vez, já foi estabelecida pela Comissão Machado de Assis em *Contos fluminenses*, Civilização Brasileira, 1975. Na introdução crítico-filológica desse volume, encontramos o manuscrito listado e descrito. *As forcas caudinas*, no entanto, não entra no cotejo para o estabelecimento do conto, porque foram privilegiadas naquele momento apenas as redações públicas da narrativa ainda em vida do escritor.

A edição crítica que proponho no capítulo 3 da dissertação é então um trabalho inédito. A diferença entre ela e a edição de 1975 não se limita, no entanto, à reinserção do manuscrito no projeto editorial: ela se faz representar na sua própria configuração e no tratamento dado às variantes. Eu opto pela apresentação do conto face à comédia e ao folhetim. Podemos, assim, visualizar melhor a estrutura fechada - o esqueleto das cenas e atos do texto teatral - de que nasceu o texto antológico e identificarmos imediatamente os longos trechos narrativos acrescentados. Estes nos revelam a dialética da criação: a convivência conflituosa da inventividade com outras formas literárias, cujos signos são emprestados para a confecção da narrativa. No capítulo 4, a apresentação do aparato genético, a partir de uma transcrição diplomática das 66 folhas do comédia, completa a edição crítica, reinserindo o manuscrito, com sua multiplicidade de enunciados, no processo criativo.

A edição, além do mais, torna acessível a um público mais amplo essa peça de arquivo: aos especialistas e aos estudantes de letras pode servir de fonte para futuras pesquisas; e a apresentação do fac-símile do manuscrito face à transcrição diplomática

² A *Relação das peças censuradas durante o fim de 1861 e em 1862 até 16 de dezembro de 1862, a Relação das peças censuradas, de dezembro de 1862 a maio de 1864 e o Regulamento do Conservatório Dramático*, por exemplo (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, seção de manuscritos).

pode tornar interessante ao leitor comum o exercício de leitura que a combinação dos textos numa só unidade propõe.

A *gênese de um conto machadiano: implicações...* é, além de edição, estudo crítico. Do estudo das variantes, emergem questões que demandam a decifração desse dossier genético a partir da técnica literária do gênero em que cada versão se constitui enquanto texto e que exigem uma visão do processo criativo dentro do conjunto da obra do escritor e em relação a uma período da nossa literatura. É nos capítulos 1 e 2 e nas notas que se estendem, no pé da página, ao longo do texto estabelecido, que se comenta e interpreta a gênese de “Linha reta e linha curva”. As observações críticas aí apresentadas irrigam assim a leitura do conto e sugerem, ao mesmo tempo, um novo olhar sobre esse Machado desconhecido.

Foi possível confirmar e fortalecer hipóteses já levantadas na fortuna crítica sobre a continuidade e descontinuidade entre a obra contista machadiana da primeira e da segunda fase. Nos quinze anos (1863-1878) de longa circulação do *Jornal das famílias*, Machado de Assis foi o principal responsável pela produção de narrativas para as páginas que compunham a sua fatia mensal de ficção. Na verdade, a possibilidade de colaborar na revista brasileira mais bem sucedida do século passado, a partir do segundo ano de vida do periódico, ofereceu ao jovem escritor um veículo para a experimentação num gênero ao qual pouco havia se dedicado até então. Se, por um lado, o trabalho de ficcionista atendia às necessidades imediatas e mesmo oferecia a Machado uma certa tranqüilidade pecuniária, por outro, o compromisso com a jornal e com a literatura lhe impunha um ritmo de produção que era a própria medida de sua remuneração. Seria ingenuidade acreditar - diante dos fatos que comprovam o contrário - que Machado de Assis foi movido por uma paixão súbita quando engrenou na carreira de escritor de folhetim. Até antes de se juntar ao grupo de colaboradores da revista, Machado havia publicado apenas dois contos³, ao passo que durante os anos em que serviu aos interesses do periódico da Garnier assinou ou publicou sob pseudônimo ou anonimamente 81 narrativas⁴.

É dentro desse contexto que devemos compreender a gênese de “Linha reta e linha curva”. O autor reaproveita a antiga peça não representada, para cumprir com a tarefa urgente de compor algumas laudas de texto narrativo para o jornal. O folhetim nasce à medida em que o escritor relê a peça. Ele interfere no manuscrito ora para a incorporação da rubrica de teatro - descrevendo o cenário, por exemplo - ora para apresentar as personagens ou construir, no comentário, a moralidade embutida nos diálogos, retrabalhando a mesma célula dramática para criar um novo texto em outro gênero. No folhetim, Machado de Assis estende, inclui novos episódios, de acordo com as necessidades da página da revista, e acrescenta um julgamento de moral que resume e conclui todo o desenvolvimento da intriga. Se, por um lado, a narrativa resolve melhor alguns deslizos estruturais que seu o manuscrito apresentava, como os críticos já

³ “Três tesouros perdidos”. *A marmota*. Rio de Janeiro, n° 914, p. 2 - 3, 5 jan 1858; “O país das Quimeras”. *O futuro*. Rio de Janeiro, n° 05, p. 126 - 138, 1 nov. 1862.

⁴ Dados retirados de SOUSA Galante de. “Índice cronológico”. In: *Bibliografia de Machado de Assis*. Op. cit, p. 305 -513.

assinalaram⁵, por outro, a combinação de que ela resulta prejudica em alguns pontos sua unidade interna. No entanto, é do remendo dos diálogos, alinhavados por uma voz narrativa que subtrai, modifica, comenta e, principalmente, encomprida a estória, que Machado chega a uma primeira fórmula para fabricar as narrativas encomendadas pela revista. Em resumo, será seu *modus operandi* ao longo dos anos em que foi colaborador do *Jornal das famílias*.

⁵ RIBEIRO Maria Augusta H. W.. *Machado de Assis, um teatro de figuras controversas*. São Paulo: USP. Tese (Doutor em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.